

TORQUATO: Yes. Acho sim. Agora: o Bertrand Russel é mais branco do que Malcolm X. O que estarei querendo dizer com isso?

ROGÉRIO: Talvez que a noite deste século seja escura e de uma escuridão tão imponente que mesmo no seu âmago mais profundo não são pardos todos os gatos.

TORQUATO: Non sense. Auriverde pendão das minhas pernas que a brisa do funil beija e balança. Onde está funil leia-se / mesmo Brasil. Nelson Rodrigues inventou a subliteratura e eu endosso.

ROGÉRIO: Mas você não acha que depois de C. Veloso já devemos começar a cuidar mais seriamente da superliteratura?

TORQUATO: Yes. Freud explica, não é mesmo?

ROGÉRIO: Seria se fosse. Mas tanto Freud como Sartre como Levi Strauss não passam de romancistas da Burguesia. E Lukacs?

TORQUATO: Foi o caso mais grave de Geraldo Vandré que já conheci. E com a desvantagem de ser tão polido como Leandro Konder. Só que de Romance ele não manjava bulufas. Mas, não exageremos porque Lukacs é um moço de muito futuro.

ROGÉRIO: Além do mais Torquato todas as nossas tragédias ou melodramas individuais fazem parte de um projeto coletivo nosso. Nós fumamos maconha para ter um sucedâneo da fome dos operários e damos a bunda porque não entendemos bem a razão pela qual temos tantas bandas e os camponeses continuam tão desenxabidos.

S. P. 1968